

A IDEALIZAÇÃO DA JUVENTUDE NA REVISTA ADVENTISTA NO REGIME MILITAR BRASILEIRO (1969-1974)

Moizés Saboia da Silva¹

RESUMO: o artigo analisa a idealização da juventude como estratégia da Revista Adventista em ampliar o disciplinamento dos jovens no âmbito da Igreja Adventista e associar-se aos interesses de controle social dos militares durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) como meio de manter o projeto de expansão da Igreja no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Revista adventista. Regime militar.

ABSTRACT: the article analyzes the idealization of youth as a strategy of the Adventist Magazine to expand the discipline of young people within the Adventist Church and join the military interests of social control during the government of General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) as a mean of maintain the Church's expansion project in Brazil.

KEYWORDS: Youth. Adventist magazine. Military regime.

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma denominação religiosa de origem estadunidense que nasceu com a crença de muitos homens e mulheres crentes no retorno de Jesus à terra em meados do século XIX (MEDEIROS, 2018). A Igreja surge no Brasil no fim do século XIX na região Sul relacionando-se com a comunidade alemã estabelecida durante os séculos XIX e XX (SCHUNEMANN, 2002).

A denominação cresceu muito e começou a pensar em um periódico que pudesse contribuir com o desejo de expandir-se mais pelo país (FILHO, 2004). Criou em 1906 o que é hoje a *Revista Adventista* (ROEFERO, 2014). Os editores se preocupavam tanto com a juventude, no contexto do Regime Militar, que criaram uma coluna alimentada por

¹ Licenciado em História (DHI/FAFIC/UERN). Mestrando em História (UFAL). E-mail: feziosaboia01@gmail.com.

escritos de pastores e missionários ou por traduções de textos que veicularam na revista adventista estadunidense.

Assim, a coluna *Consultório da Juventude*, comandada pelo paulista Luís Waldvogel, tinha como propósito disciplinar a juventude adventista por meio de estratégias que consolidasse a permanência na doutrina da Igreja. A juventude era instruída de conselhos espirituais, passando pela organização de leitura da Bíblia até os conselhos de como e com quem deveriam casar-se.

Tais conselhos visavam manter a juventude fiel à doutrina da Igreja formando e moldando jovens à obediência da liderança adventista. O foco era manter os jovens ativos para que pudessem evangelizar e propagar a doutrina da Igreja.

O responsável pelo *Consultório da Juventude*, Luís Waldvogel, nasceu em Santa Cruz da Conceição no estado de São Paulo no dia 27 de outubro de 1897. Passou a ter contato com a literatura cristã adventista em grande parte devido à influência da literatura adventista, especialmente com *O Arauto da Verdade*.

Em 14 de maio de 1916 se dirige ao Seminário Adventista em São Paulo e forma-se em 1922. Sua trajetória na Casa Publicadora Brasileira inicia-se em dezembro de 1922, através de uma carta pelo Pastor Wescott, presidente da Associação Paulista.

Escreveu: *Rastos Luminosos* (1933); *Vencedor em Todas as Batalhas* (1937); *Cântaro Partido — versos* (1939); *Matrimônio Feliz* (1947); *A Fascinante História do Livro* (1952); *Homens que Fizeram o Brasil* (1953); *Sermões de Tio Silas* (1960); *O Triunfo Sobre a Dor* (1966); *Sabiá na Gaiola* (1978); *Jesus de Nazaré* (1981) e *Memórias de Tio Luis* (1987).

Luiz Waldvogel foi o autor dentro da *Revista Adventista* que mais se aproximou dos jovens. Na *Coluna* utilizava linguagem afável, transmitia sensação de cuidado aos jovens, que seguissem os preceitos e doutrinas da Igreja.

Formar jovens que mantenham o tempo somente em dedicar-se as obras da própria Igreja era importante na medida em que se distanciavam do mundo político

autoritário vigorante durante o Governo Médici. Orientados a não tecerem críticas à política nacional, a juventude adventista era direcionada a manter-se apática e indiferente ao mundo político, tal estratégia corroborava com os interesses midiáticos dos governos militares que “desejavam mostrar a imagem de um Estado harmonioso, livre de conflitos de classes, apagando todas as críticas ao regime nesse sentido (AQUINO, 1999, p. 249).

Os militares buscavam mascarar a realidade do país sob o forte regime autoritário mostrando um lado de harmonia e prosperidade. Tentavam afastar da população conflitos de classe, mascarando a democracia e o mal nos porões em que opositores do governo eram torturados. Com isso, “é importante não perdermos que o que a memória coletiva consagrou como *anos de chumbo*, ou seja, a face *dura, feia, suja e obscura* do regime era, de fato, tudo isso” (CORDEIRO, 2015, p. 18).

Waldvogel não se limitou apenas a *Coluna da Juventude* na *Revista Adventista*. Publicava, em outras partes da própria revista, artigos voltados à família, jovens e casamento compactuando com a Constituição quando afirma que “a família é constituída pelo casamento e terá direito à proteção dos Poderes Públicos” (BRASIL, 2020).

Em grande medida, o pastor buscou dirigir-se às mulheres jovens, padronizando como deveriam se vestir e agir mediante a sociedade brasileira. Ditava conselhos para que as jovens adventistas se portassem tanto na Igreja quanto fora da Igreja Adventista.

Na revista de abril de 1970, Waldvogel chama a atenção das mulheres que desejam ou queriam usar as minissaias. Tece críticas a esse modelo de vestir-se das mulheres afirmando que:

Menina de saia curta — De juízo curto também, você não sabe que furta
A vida eterna de alguém? Furta a dele e perde a sua Com esse vestido
seu, que em vez de andar pela rua devia estar no museu — De nossos
dias lembrança, Triste lembrança e escarmento: Da mais infeliz herança
O mais torpe documento! Menina de mini-saia, Menina sem coração,
mude os vestidos, ou saia Da nossa congregação! Senhora de mini-saia,
que também não tem pudor, converta-se, antes que atraia A correção do
Senhor. Tomara que se arrependa, Senhora de mini-saia, E dos olhos
tire a venda, E em si mesma você caia, E se vista com decência,
Elegância e correção! Terá livre a consciência E mais perto a salvação!

(WALDVOGEL, Luis. Mini-Saia. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 65, n° 4, p.8, abril de 1970)

As mulheres eram vistas como um símbolo de pecado na medida em que podiam causar transtornos na igreja com o uso das roupas mais curtas. Para Waldvogel, o uso das minissaias era provocativo e não deveria ser adotado pelas fiéis adventistas devido ao alto teor de sensualidade que podiam provocar: os desejos físicos libidinosos.

Além disso, o pastor culpa a mulher pelo fato de algum homem não vir a ser salvo, pois a mulher teria sido a culpada de provocar desejos físicos ou libidinosos com o uso das vestes curtas. Era vista como um símbolo de pecado.

Waldvogel é enfático e direto quando diz que a doutrina da Igreja não aceita de modo algum os costumes que estavam em outras mulheres não adventistas, o uso da minissaia era condenado a partir de um discurso disciplinador, ancorado em justificativas direcionadas ao combate ao adultério, sexo fora do casamento, fornicações, sexo entre os jovens antes do casamento.

Nesse trecho é possível perceber o quanto o pensamento hierárquico e patriarcal era presente nas páginas da revista. Buscava-se criar e orientar as jovens para que fossem obedientes aos maridos e estes obedientes a liderança da Igreja. Tudo deveria estar sob o controle da Igreja para que não houvesse distúrbios ou dúvidas. O pensamento conservador e autoritário da Igreja Adventista era muito vivo na *Coluna da Juventude* e por toda a *Revista Adventista*.

Entende-se que o uso da minissaia é um perigo, pois o perigo é o corpo desnudo. Era um problema que a liderança da Igreja queria cortar de imediato, porque dentro da revista são lançados vários textos em condenação ao uso veste.

Ouvi de um jovem, educado, promissor, que ao pecado cedeu — e imensa foi a dor! E ao falar-lhe o pastor, confessou em surdina: "Foi a saia, pastor, de uma menina! No pó e na cinza me arrependo agora, mas minha paz, a doce paz, se foi embora!" E o pobre transgressor, em pranto convulsivo, para o seu mal não encontrava lenitivo; E outras vezes cedendo à sedução das mini-saias, foi-se para a perdição! Menina de saia curta — De juízo curto também, você não sabe que furta A vida eterna de alguém? Senhora sem entranhas, ouça isto ainda: Houve um

pastor ilustre (e como êle pregava!) Que um dia, numa tarde linda, em que o sol poente todo o céu dourava, Seus passos dirigiu ao lar do presidente. — Entre, pastor! Por que tão triste? Diga! (Busto inclinado, o pobre do homem hesitava...) — Que foi, amigo? Acaso um acidente aos seus queridos? ou alguma velha intriga de um adversário mau, perseguidor e rude? A custo soerguendo a fronte em pranto: "Pequei," disse; "pequei contra a virtude!" E o coração arfando, num quebranto: "Aqui devolvo a credencial; atraícoei Meu Salvador; pequei, pastor, muito pequei!" E após instante de silêncio doloroso, lembrando-se afinal de que era pai e esposo, Assim falou: 'A meu filhinho que direi, Se perguntar: 'Papai, por que não prega mais?' De minha esposa como fitarei Seus olhos puros, inocentes, leais?!' E entre as mãos escondendo o rosto envergonhado, num pranto prorrompeu, desconsolado... Senhora de mini-saia, Senhora sem coração, converta-se, antes que atraia do Senhor a correção! (WALDOGEL, Luis. Mini-Saia II. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 65, n° 6, p. 18, junho de 1970)

Demoniza-se o uso da minissaia porque acreditava-se ser um mal libidinoso na medida em que traria problemas de possíveis adultérios entre as famílias desestruturando-as. Manter a família, as bases da família, era necessário. Condena-se de forma enfática o uso da vestimenta cortando assim a liberdade das mulheres em usar o que quisessem pelo bem da família e de si próprias. A estratégia é demonizar ao máximo a vestimenta condenando como um mal enorme.

Para o pastor era imprescindível fazer com que as mulheres não usassem as roupas provocantes, pois o discurso moralista e em alinhamento de senhoras donas de casa e zelosas do marido seria manchado.

Nenhum dos artigos publicados por Luiz Waldvogel estava em desalinhamento com o regime militar. Ambos os pensamentos eram harmônicos e tratavam de ideias iguais na medida em que a Igreja se firmava no discurso religioso de - Deus, pátria e família - era o que os militares discursavam para o Brasil. A *Coluna da Juventude* comanda por Luiz Waldvogel se tornou um importante instrumento de disciplinamento e forma de levar a que os jovens que estavam na Igreja fossem moldados conforme o desejo que os líderes queriam.

Nela, criticava-se tudo o que pudesse gerar pensamentos críticos em relação à doutrina adventista. Os meios de comunicação eram um perigo que muitos autores dos

artigos buscavam eliminar, pois para os militares e a Igreja “o inimigo se vale do recurso da corrupção dos costumes para desmoralizar a juventude do país e tornar o Brasil um país sem moral e respeito” (FICO, 2004, p. 93). Dentre as modernidades que estavam chegando ao Brasil está o cinema que traria senso de criticidade.

Para a liderança da Igreja era importante inserir na mente dos jovens que o cinema era um mal enorme. Na verdade, o que Waldvogel e os demais autores dos artigos buscavam era formas de fazer com que pensamentos além daqueles que os líderes queriam não penetrasse a mente dos jovens e fossem possíveis meios pelos quais a juventude adventista viesse a questionar a própria estrutura da Igreja e o governo militar vigente. No país “peças de teatro, filmes e, [...] programas de televisão, de rádio, alguns livros e revistas eram censurados antes de serem divulgados” (FICO, 2004, p. 90).

A atuação de Waldvogel na revista foi de extrema relevância, pois contribuiu de forma intensa para que gerações fossem alimentadas com o pensamento adventista. Após 42 anos de trabalho na Casa Publicadora Brasileira, Luiz Waldvogel faleceu buscando deixar “uma juventude ideal”.

A JUVENTUDE IDEAL

A juventude é uma parte muito significativa e importante para o escalão da Igreja, pois considera-se os tais como pilares da nação para o desenvolvimento e defesa dos “bons costumes e à moral”. Sendo um segmento da Igreja de grande relevância, os editores da Revista Adventista não dispensavam conselhos, instruções, e doutrinas para que os jovens seguissem como prática em sua vida.

Essa retórica moralista, como se vê, repetia tópicos consagradas, como a condenação do obscuro e a valorização de certo rigorismo, mas incorporava as características do momento e mesclava-se ao discurso político do regime militar, como no caso da conexão entre crise moral e subversão (FICO, 2004, p. 102).

A moralidade e a defesa dos bons costumes eram utilizadas como forma de manter as famílias adventistas fiéis à doutrina da Igreja e pelo governo como forma de

unificar a sociedade brasileira com a ideia de família, reforçando o patriotismo e o patriarcalismo na medida em que reafirmava o lugar do homem como líder.

Um dos espaços em que esse lugar ficava mais visível era o casamento. Harland P. Kahler em artigo publicado em março de 1970, instrui os jovens a se manterem puros em sua conduta até o casamento:

Quando o sexo é motivado exclusivamente por interesses egoístas, torna-se manipulatório. Por exemplo, pode ser motivado pelo sentimento de solidão, pelo desejo de conquistar ou ser conquistado, pela vaidade ou pelo anseio de magoar ou até de destruir. Quando é motivado por qualquer dessas coisas, e não por verdadeiro amor, o ato sexual torna-se manipulatório. As relações pré-matrimoniais pertencem a essa categoria e visam apenas ao prazer momentâneo e à satisfação física. (KAHLER, Harland P. Defendendo a Pureza e a Integridade Moral. Revista Adventista, Santo André, São Paulo, ano 65, n° 3, p. 14, março de 1970)

A fala de Kahler traz uma preocupação em relação ao jovem ter relações sexuais antes do casamento ou fora dele. O autor chega a citar porcentagens de filhos nascidos fora do casamento indicando que isso gera um sofrimento muito grande, “entre a população branca da América do Norte há quatro filhos ilegítimos dentre cada 100 nascimentos, e entre o restante da população essa porcentagem é de 26,3%” (KAHLER, Harland P. Defendendo a Pureza e a Integridade Moral. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 65, n° 3, p. 14, março de 1970). Esses dados são apontados como argumento de que era necessário manter o seio familiar estável, sem distúrbios, pois desestruturar a família era destruir o centro de ação da Igreja, por isso a importância da disciplina e a ordem.

Essa visão, presente no discurso da Igreja e reverberado nos artigos da Revista Adventista, aproxima-se do pensamento dos militares à medida que trata dos princípios de hierarquia e disciplina como estabilizadores da ordem, especialmente no contexto em que “o país era imaginado como uma ilha de prosperidade, de tranquilidade e de paz num mundo marcado por crises e convulsões. Havia que se encaminhar para a frente” (FILHO, 2014, p. 95).

Mas não era somente pela Bíblia que o pensamento da Igreja se conforma em disciplinar sua juventude a obedecer, mas também por crer que conseguirá penetrar os meandros do governo e se capilarizar cada vez mais no seio do país. O interesse no disciplinamento da juventude não é em si acomodar-se ao pensamento do governo militar, pois esse pensamento já é existente anteriormente, mas como ponto de conforto, usar do que já possui em anos de construção em evangelismo para angariar posição mais elevada dentro do próprio governo.

Dessa forma, o pensamento disciplinador da Igreja buscava ordenar e idealizar a juventude nos mais variados campos para não se portarem como os não adventistas. O disciplinamento seguia desde a forma de falar até a forma de vestir-se e estava presente em todos os espaços que a Igreja podia chegar. As mulheres, por exemplo, eram instruídas a não usarem minissaias ou roupas que viesse a deixar as pernas à mostra ou qualquer parte que fosse considerada indecorosa ou “que tenha o objetivo de chamar a atenção para a pessoa, ou provocar admiração, está excluído do traje modesto recomendado pela Palavra de Deus” (WHITE, 2004, p. 287).

A culpa de qualquer desejo libidinoso que viesse a ocorrer e consequentemente traições como o adultério eram direcionadas culpa à mulher. O homem seria o ser frágil que sofreria as consequências de cair em tentação. A defesa em que se faz não é em si dos homens que caíam em tentação, mas na desestrutura dos casamentos, na quebra do lar, da família. Demoniza-se a sensualidade exposta pela mulher, pois se crer que é um grande perigo para a manutenção e existência do lar adventista.

A ordem para que não usem é clara, pois recorre-se às falas da criadora da vestimenta para enfatizar que é um mal enorme usar esse tipo de roupas. O autor é taciturno quando afirma no final que uma senhora não poderá proceder de modo algum corretamente caso se utilize de tais vestes.

A idealização de uma juventude adventista disciplinada não se restringe apenas a forma como o cristão deve agir e vestir-se e aparentar à sociedade, mas também atinge o que o jovem deve ler, ouvir, tudo o que atenta a imaginação e com que tipo de pessoas

deve estar em companhia. Assim, a revista penetrou no seio familiar adventista ditando a ação que o “verdadeiro adventista” deveria ter.

Além disso, há uma preocupação muito grande dos editores com as questões da modernidade, pois “a literatura durante o regime militar propiciou uma gama de “consciências literárias” sobre a experiência histórica não porque imitou a realidade nos livros, mas porque, em muitos casos, só a reflexão propiciada pela ficção, pela imaginação ou pela memória poderia dar conta de compreender uma realidade política, cultural e social tão multifacetada e complexa” e que era inevitável na vida dos mais jovens, e com isso, ocorria um medo muito grande por parte dos editores da revista, passando a publicar uma série de mensagens direcionadas aos jovens (NAPOLITANO, 2014, p. 223).

O artigo “Quando os tempos mudam”, de Rodolfo Betlz, que narra a história de um homem que está em seu leito de morte, e tem como objetivo sensibilizar o leitor, em especial o jovem adventista, para que se volte à obediência a Cristo.

Tu, jovem adventista, deves ser uma barreira contra a dissolução e contra tudo o que é instinto animal e leva à ruína moral. Deves ser diferente. Deves levar por meio da tua vida o estandarte do amor, da decência, da moral, a um mundo poluído. "Não removas os marcos antigos que puseram teus pais." Deves ser uma coluna no edifício cristão, sob cujo teto se abrigam os fiéis neste "fim do tempo," como sustentáculo dos princípios da igreja de Cristo. (BELTZ, Rodolfo. Mensagens aos jovens: quando os tempos mudam. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 66, n° 3, p. 18, março de 1971)

O pensamento da Igreja também se voltou para a parte tecnológica - TV, eletrodomésticos e cinema, e, desses, o cinema foi bastante criticado na revista. Segundo os redatores, um meio eficaz do diabo para desvirtuar os jovens da doutrina ao se misturarem com “filmes sujos”. Os autores chegavam a ser muito enfáticos e incisivos ao condenarem o cinema para os jovens adventistas. Em um artigo de nome, Cinema- uma fronteira indefensável, publicado na revista de outubro de 1971 de autoria de J. Irajá da Costa e Silva afirma:

Vamos ao cinema apenas quando um professor de nossa classe pede um trabalho sobre determinado filme". Seria tal justificativa coerente com nossa profissão de fé? A atitude correta do estudante adventista seria

solicitar bondosamente ao professor que lhe concedesse fazer um outro trabalho em substituição à interpretação de um filme. "Tenho por princípio não ir ao cinema. É um ponto de minha fé," seria uma dedução que encontraria acolhimento da parte de qualquer educador. (COSTA E SILVA, J Irajá da. Cinema – Uma fronteira indefensável. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 66, nº 10, p. 18, outubro de 1971)

O jovem adventista não devia ir ao cinema, pois essa atitude não condiz com os princípios da Igreja, porque buscava-se evitar o senso de criticidade que o cinema pudesse trazer, o sentido de expressão, demonizava-se assim como um mal. O autor chega a ser ainda mais incisivo na questão quando sugere que alguém poderia dizer que o cinema oferta filmes de cunho evangélico, e a resposta é bastante clara e firme em relação à conduta adventista. O pensamento contra o cinema é muito forte, e o autor pede claramente que os jovens não se voltem para o ambiente fílmico:

Vamos ao cinema apenas para assistir a filmes bíblicos, religiosos." Bíblicos? Só no nome. Religiosos? Nem no nome. As chamadas películas "bíblicas" são um a deturpação grosseira dos fatos sagrados. O que se acrescenta a uma história bíblica é o picante, o imoral e tudo aquilo que desperta os mais vis sentimentos. Não compensa admirar tanta fantasia mal - dosa simplesmente por amor a temas bíblicos. (COSTA E SILVA, J. Irajá da. Cinema – Uma fronteira indefensável. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 66, nº 10, p. 18, outubro de 1971)

O controle dos meios de comunicação e o incentivo a que os jovens não fossem ao cinema, ou se esquivassem de toda a literatura não adventista eram estratégias usadas pelos editores para barrar o contato com pensamentos considerados subversivos que viessem a dar margem a questionamentos da doutrina adventista. Visto como um meio imoral e contrário a doutrina adventista pregada, o autor busca desvirtuar os jovens do contato com outras formas críticas de pensamento. Tal posicionamento coaduna com a leitura de que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p. 8).

A Igreja Adventista, ao longo de todo o período militar, busca orientar a mentalidade dos jovens para que estes se tornem adultos que contribuirão com a expansão da doutrina adventista pelo restante do Brasil. Nesse sentido, a Revista Adventista se utiliza de um discurso religioso voltado para a crença em princípios e doutrinas que mantenham a juventude voltada para o plano espiritual. Buscou-se formar a partir das folhas do periódico religioso mulheres que fossem zeladoras do lar, obedientes aos costumes patriarcais e que se submetessem a toda ordem hierárquica. Quanto aos homens, o lugar como chefe da família era a reafirmação dos mecanismos de permanência do conservadorismo e do patriarcalismo, agora, associado ao discurso do progresso do crescimento econômico reverberado pela propaganda ufanista que asseverava ao brasileiro a ideia de que “Nunca fomos tão felizes!” (NAPOLITANO, 2014, p. 163).

Para os militares, o Brasil era um país que viveria benesses que jamais se havia vivido antes. O “milagre econômico” ajudou a fortalecer o discurso de Médici de “Brasil Potência” na medida em que os índices econômicos positivos batiam recordes nunca vistos na história do país. Assim, reforçavam a crença no governo, mantendo a mente da maior parte da população cativa no mundo próspero discursado.

Para os editores da revista era importante se voltar aos jovens, levando não somente as mensagens na revista, mas fazendo com que participassem de acampamentos e de grupos que discutissem temáticas de interesse da congregação e que afastasse tudo que pudesse prejudicar os caminhos da fé, como o cinema, revistas seculares e televisão.

No artigo, *Uma Voz Contra os Vícios*, Anísio Chagas clama para que os vícios não sejam presentes na vida dos jovens e alerta ao afirmar que “A MOCIDADE do Nordeste se levanta contra os inimigos da humanidade”, bem como defende que “seria crime de lesa-patriotismo silenciar diante do descalabro social em que se debate nossa geração carcomida pelos venenos do álcool e do fumo” (CHAGAS, Anísio. Uma voz contra os vícios. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 64, n° 12, p. 27, dezembro de 1969).

Apontados como inimigos da humanidade, o álcool e o fumo eram declarados drogas perniciosas que alimentavam o vício e fomentavam os crimes como o crescimento o crescimento e o sentimento identitário nacional. Essa batalha de palavras configurava a luta contra toda e qualquer atividade que não fosse controlada pelo discurso religioso.

Nessa perspectiva, os jovens eram treinados como exércitos para que saíssem as ruas, cidades, zonas rurais ou quaisquer lugares que fosse necessário para levar a mensagem adventista. Esse era o jovem ideal que a Igreja formava nos templos. Com o trabalho de “libertar” os usuários de drogas ilícitas ou lícitas, a Igreja também não deixava de estar trabalhando no ganho de mais fiéis.

O discurso da Igreja mesclava-se a outros discursos veiculados e projetava uma visão política e social que corroborava com o projeto de poder dos militares, com a verdadeira ideia que estava sendo projetada e realizada. “Assim, os apoios civis da ditadura - ativos e conscientes - continuavam consideráveis. Sem eles os militares não conseguiriam governar” (FILHO, 2014, p. 83). A Igreja trabalhava no campo social e com isso angariava novos membros para o seu quadro de fiéis. Os jovens tinham uma função extraordinária nesse processo, pois como pessoas sem afazeres e livres para ir ao campo, eram perfeitos, porque além de estarem sendo alimentados com a fé adventista na prática, pois se lançava na mente dos mesmos que o que faziam era um ato de amor a Cristo sacrificando-se em prol do evangelho, a Igreja se expandia.

Para os militares a ação política contrária ao regime era uma preocupação constante. Para o Governo existia a ideia de que o Brasil poderia sofrer um golpe comunista a qualquer momento e vindo de qualquer parte, fabricando-se o discurso do medo. Esse medo era constante, por isso a dedicação em relação à formação do jovem ideal conforme os mandamentos da disciplina em obediência ao governo.

Os jovens podiam ser vistos de duas formas, ora podiam ser vistos como facilmente manobrados e suscetíveis e outras vezes eram vistos “como capazes de elaborar estratégias sofisticados, com o fim de engrossar as fileiras das organizações clandestinas” (FICO, 2001, p. 189). Os militares buscaram censurar tudo que pudesse

levar os jovens a servirem contra o governo. Para o governo, era crucial censurar a arte, a cultura, livros “sempre preocupados com a educação dos mais jovens, livros entendidos como pornográficos, como menino de engenho, não deveriam ser usados” e tudo mais que pudesse gerar criticidade na mente de quaisquer cidadãos no país (FICO, 2004, p. 104). A ideia do governo ao barrar eventos de cunho artístico era impedir que o contato com possíveis ideias consideradas subversivas fossem de imediato eliminadas.

A rigidez na aplicação das normas censórias era a principal característica do órgão centralizado que proibia não só peças teatrais com linguagem coloquial, cenas de nudez e documentação incompleta como também com conteúdo político, crítica social e temas da atualidade.

Assim, a burocratização do serviço de censura, a centralização da análise censória e a aplicação intransigente da legislação propiciaram o controle político da produção artístico-cultural em todo território nacional (GARCIA, 2009, p. 42). Nesse contexto, as lideranças adventistas e governamentais, ligadas aos militares, buscavam, junto à circulação das narrativas sobre moralidade, à expansão e apropriação das propagandas que valorizavam o patriotismo como valor indispensável à juventude do período.

UFANISMO

Não há nada mais importante para os militares do que o respeito aos símbolos nacionais. Os símbolos possuem uma função muito importante quando se trata de manter a fé. A bandeira brasileira possui um valor histórico e simbólico enorme. Marcada como a transição da Monarquia para a República, possui a função de manter unido o povo brasileiro politicamente e culturalmente.

Usados pelos militares como símbolos de unificação e amor à pátria, os símbolos possuíam uma função pedagógica enorme ao idealizar um único povo em torno de um único ideal. O civismo militar era enorme “as comemorações do Sesquicentenário da Independência foram de fato um momento em que a ditadura desfrutou de expressiva

popularidade junto à sociedade civil” (CORDEIRO, 2015, p. 20). Buscou-se levar a disciplina para escolas, universidades e demais lugares ao longo do governo militar. O culto ufanista e obediência as leis durante o governo Médici foram intensas e tensas.

Dessa maneira, passou a representar uma prática política fundamentada no formalismo do sistema eleitoral, enquanto no plano histórico os direitos civis e políticos eram suprimidos. As representações da nação, por sua vez, dissimulavam as tensões e fissuras existentes na sociedade, criando a imagem de uma comunidade política unificada em torno da história e de valores culturais comuns. Permeando todos esses discursos, figuravam as imagens do comunismo e dos comunistas, estrategicamente inseridos como inimigos internos, visto que, segundo os formuladores da doutrina oficial, feriam a tradição democrática e cristã da sociedade brasileira (VIEIRA, 2011, p. 2).

Para os militares os símbolos nacionais eram uma forma de disciplinar a nação brasileira. Levar o espírito patriótico era essencial para manter unidade e eliminar revoltas no seio da nação. No entanto, isso se dá por meios de massacre dos direitos democráticos e o desrespeito constante ao jogo democrático.

Envoltos com o discurso de nação unificada estava mesclado o medo do comunismo. Para os militares, o Brasil poderia sofrer um golpe comunista a qualquer momento. Disseminando ideias que levassem a população a amedrontar-se, o governo controlou a mídia para que esta o servisse e a divulgação de ideias fossem apenas aquelas que o Executivo quisesse.

É inegável que, para a imensa maioria da população envolvida com a ideologia revolucionária da esquerda e sem uma opinião política muito clara e coerente, o Brasil vivia tempos gloriosos no começo dos anos 1970: pleno emprego, consumo farto com créditos a perder de vista, frenesi na bolsa de valores, tricampeão do mundo de futebol (NAPOLITANO, 2014, p. 160-161).

O crescimento econômico vivido pelo Governo Médici acabava reforçando o discurso veiculado pela propaganda oficial de um governo próspero e que estava indo

para a frente “Entre 1969 e 1973, Brasil cresceu a uma taxa média de 11% ao ano, chegando a quase 14% em 1973” (NAPOLITANO, 2014, p. 150).

O regime militar atuou de forma contundente nos centros educacionais do país levando as ideias de amor à pátria, a moral e os bons costumes de obediência e civismo que a nação deveria prestar. O hino nacional, símbolo forte de independência cantado em todos os colégios do país no dia 7 de setembro para enfatizar a vitória do Brasil sobre Portugal era uma religião que deveria ser obedecida. “O sucesso das comemorações do Sesquicentenário reside, portanto, nessa capacidade de evocar o passado glorioso da nação e, ao mesmo tempo, celebrar seu futuro/presente de conquistas, o momento de construção ordeira do progresso” (CORDEIRO, 2015, p. 326).

O Brasil não era um país homogêneo, na verdade, nunca foi. O país tem diferenças gritantes culturais, de sotaque, clima e outros, no entanto, buscou-se através dos símbolos e do espírito nacionalista unificar desde o gaúcho ao potiguar. Dessa forma, tratava-se de transformar o Brasil em um grande país onde todos falavam a mesma língua e tinham a mesma preocupação, um único corpo em prol da nação.

O governo do general Médici sem dúvida foi o governo em que se buscou intensificar de modo mais veemente o nacionalismo brasileiro. Com lemas ufanistas que visavam a unidade da nação, o governou trabalhou com o uso dos meios de comunicação existentes como o rádio, jornais e revistas e a iniciante televisão.

O governo Emílio Garrastazu Médici criou então uma agência própria de propaganda, a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), para martelar slogans otimistas, animando, encorajando, com mensagens positivas, construtivas e ufanistas: Pra frente, Brasil. Ninguém mais segura este país. O futuro chegou. Brasil, terra de oportunidades. Brasil, potência emergente (FILHO, 2014, p. 81).

Para o governo Médici, era necessário manter a população crente em um governo harmônico e que estava trabalhando para o bem da nação. Criar a imagem de governo coerente era uma necessidade para poder se manter. Àqueles que discordassem de que o

governo estava indo no caminho certo lhes sobrava a porta de saída com o lema: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”.

Para a Igreja, era necessário que as datas comemorativas da nação fizessem parte de seu rol de comemorações também, porque isso faria com que ela tivesse uma imagem cada vez mais positiva aos olhos do governo militar. O propósito que se buscava era o crescimento, a expansão geográfica no país. O trabalho de evangelismo se fazia dessa forma, pois de um lado dava-se o que é de César, ou seja, o que o governo queria, e do outro, o que era da Igreja, mais membros nos bancos da congregação religiosa adventista.

Buscou-se assim alinhar a juventude conforme o discurso dos militares, porque tratava-se de um jogo em que ambos ganhavam. De um lado, estava a Igreja Adventista em busca de aumentar o número de fiéis pelo Brasil, do outro lado, estava o governo buscando se manter no poder.

O milagre econômico sem dúvida alguma acabou por contribuir para que o governo do general Médici se ancorasse e levasse com maior credibilidade a operacionalização em benefício de todos “a ideia de que estava em processo a construção de um “Brasil Potência” passou a constituir a base da propaganda do governo e do fundamento de sua legitimidade” (EARP, 2013, p. 228).

As grandes obras, os recursos financeiros positivos, ou seja, a balança comercial em superávit que enchia o país, a disseminação de um país que crescia sem parar eram alicerces que estavam diretamente em uso pela propaganda do governo para fortalecer a ideia de que o Brasil agora estava indo no mesmo caminho dos países desenvolvidos. Nesse sentido, o milagre econômico chegava a expressivos segmentos da sociedade como “uma ideia segundo a qual o trabalho e a obediência às normas e às instituições do presente significavam o respeito pela pátria, pela sua história e pelos grandes homens da nação, e, ao mesmo tempo, a construção de um futuro próspero” (CORDEIRO, 2015, p. 325).

Nesse processo toda a Igreja adventista estava circulando no meio político nacional. À juventude adventista eram ensinados conceitos e preceitos que deveriam ser

seguidos para se ter uma “vida feliz”. Os centros de saúde, de educação, os campori e demais departamentos que há na Igreja serviam para que os membros se mantivessem fiéis.

Uma das formas que o governo mais combatia era justamente a arte, pois acreditavam que era coisa de pessoas subversivas e que poderiam transformar os jovens em possíveis inimigos do regime, além disso, a arte poderia gerar processos de consciência crítica “daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias” (FOUCAULT, 2012, p. 237). O governo fiscalizava peças de teatro, cinema e demais meios que pudessem ser uma fonte de perigoso ao nacionalismo exacerbado que era veiculado nas propagandas oficiais e não oficiais dos grandes jornais e revistas.

A igreja adventista não deixou de atuar em conjunto com o governo no mesmo sentido e ao mesmo tempo em que buscava de todas as formas afastar os jovens adventistas dos meios que pudessem levá-los a outros critérios de ideias. Um dos meios mais atingidos pelos líderes da igreja foi o cinema. Para a liderança da igreja esse era um meio bastante nocivo e prejudicial à mente da juventude.

Tanto o pensamento doutrinário da Igreja quanto o do governo estão em plena harmonia. O ufanismo e simbologia exaltados pelo regime militar foram constantemente presentes durante os espaços sociais que a Igreja atuou e no seu principal meio de embate, a Revista Adventista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A juventude, como se viu ao longo desse trabalho, foi incentivada a distanciar-se do cinema, televisão, quadrinhos e todos os outros que não fossem permitidos pelos pastores e líderes religiosos adventistas. Existia a “maneira correta” de viver, de andar, vestir-se e estar nos lugares sociais. O jovem cristão adventista deveria ser um fiel seguidor da doutrina e mostra-se sempre um exemplo àqueles que estavam fora dos bancos congregacionais adventistas.

As fronteiras entre o sagrado e o profano eram muito tênues e o membro deveria estar em constante leitura da Bíblia, dos escritos de Ellen White, fundadora da Igreja Adventista, e dos artigos que circulavam na Revista Adventista. Deveria, para os líderes adventistas, enquadrar-se no seio da doutrina adventista para não ser um jovem infeliz e sem prosperidade. Essa busca pelo disciplinamento dos jovens associava-se a uma visão sobre a nação que correspondia as estratégias do próprio governo militar em tentar controlar pelo uso da censura o que deveria circular nos jornais e periódicos. Esse como assevera Aarão (2014, p. 85) mostrava o quanto a propaganda oficial “não se compadecia com contradições, anunciando periodicamente programas ou pacotes sociais, alardeando sucessos reais e fictícios” ao mesmo tempo que omitia surtos de doença, torturas e tudo o que pudesse ou viesse macular a imagem do Brasil Grande e para tal imagem, a Igreja Adventista, por meio de sua revista, prestava sua contribuição.

REFERÊNCIAS

Revista Adventista

BELTZ, Rodolfo. *Mensagens aos jovens: quando os tempos mudam*. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 66, nº 3, p. 18, março de 1971.

CHAGAS, Anísio. *Uma voz contra os vícios*. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 64, nº 12, p. 27, dezembro de 1969.

COSTA E SILVA, J Iraja da. *Cinema – Uma fronteira indefensável*. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 66, nº 10, p. 18, outubro de 1971.

KAHLER, Harland P. *Defendendo a Pureza e a Integridade Moral*. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 65, nº 3, p. 14, março de 1970.

WALDVOGEL, Luis. *Mini-Saia*. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 65, nº 4, p.8, abril de 1970.

WALDOGEL, Luis. *Mini-Saia II*. **Revista Adventista**, Santo André, São Paulo, ano 65, nº 6, p. 18, junho de 1970.

BRASIL. [Constituição (1967)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/4/1960/10.pdf>>. Acesso em: 10 março. 2020.

Referências bibliográficas

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e estado autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

CORDEIRO, Janaina Martins. **A Ditadura em tempos de milagre:** comemorações, orgulho e consentimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

FICO, Carlos. **Além do golpe:** a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FICO, Carlos. **Como eles agiam:** os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FILHO REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil:** do golpe de 1964 à Constituição de 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FILHO OLIVEIRA, José Jeremias de. **Formação histórica do movimento adventista,** Scielo, 2004. Disponível em: [a12v1852.pdf \(scielo.br\)](http://a12v1852.pdf(scielo.br)) acesso em 01/02/2021 às 8h39.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder:** Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 24 ed. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GARCIA, Miliandre. **A Censura de costumes no Brasil:** da institucionalização da censura teatral no século XIX à extinção da censura da constituição de 1988. (Estágio pós doutoral). Trabalho apresentado à Coordenação-Geral de Pesquisa e Editoração-CGPE. Rio de Janeiro, 2009.

MEDEIROS, Alexandre. **Mileristas e adventistas:** o embrião histórico do Adventismo do Sétimo Dia. Hottops, 2018. Disponível em: [El conocimiento de los valores \(hottopos.com\)](http://El%20conocimiento%20de%20los%20valores(hottopos.com)) acesso em 01/02/2021 às 8h39.

NAPOLITANO, Marcos. **1964:** História do Regime Militar Brasileiro. 1 ed. 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2014.

ROEFERO, ROBERTO. **A Demora da segunda vinda na revista adventista (1945 a 2000).** 2014. Dissertação (Mestrado em Teologia Pastoral) Seminário Adventista Latino Americano de Teologia. Engenheiro Coelho, 2014.

SCHUNEMANN, Haller E. S. **O Tempo do fim:** uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2002. [tese de doutorado].

VIEIRA, Cleber Santos. **A (des) Construção dos símbolos nacionais.** Anais do I circuito de debates acadêmicos. EFLCH, UNIFESP, 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area6/area6-artigo1.pdf> acesso em 19/09/2019 às 08h58minh.

WHITE, Ellen G. **A Ciência do bom viver.** Trad. Carlos A. Trezza. 10 ed. Tatuí, SP: Casa

Publicadora Brasileira, 2004.